

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Unidade Especial de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Curso de Especialização em Educação Física Escolar

Matheus Philipe Fernandes Estanislau Soares

O FANTÁSTICO MUNDO DA CRIANÇA:
usando o registro narrativo para captar as experiências das crianças do
terceiro ano nas aulas de educação física

Belo Horizonte

2025

Matheus Philipe Fernandes Estanislau Soares

**O FANTÁSTICO MUNDO DA CRIANÇA:
usando o registro narrativo para captar as experiências das crianças do
terceiro ano nas aulas de educação física**

Versão Final

Monografia de especialização apresentada
à Unidade Especial de Educação Básica e
Profissional, Centro Pedagógico, como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Doutor Túlio Campos

Belo Horizonte

2025

CIP – Catalogação na publicação

- S676f Soares, Matheus Philipe Fernades Estanislau
O fantástico mundo da criança: usando o registro narrativo para captar as experiências das crianças do terceiro ano nas aulas de educação física / Matheus Philipe Fernandes Estanislau Soares. - Belo Horizonte, 2025.
57 f.
- Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Unidade Especial de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2025.
- Orientador: Túlio Campos
- Inclui bibliografia.
1. Educação física. 2. Educação física (ensino fundamental). 3. Professores - Formação. I. Título. II. Campos, Túlio. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Unidade Especial de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 372.86
CDU: 371.73:37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



FOLHA DE APROVAÇÃO

**O FANTÁSTICO MUNDO DA CRIANÇA: USANDO OS REGISTROS
NARRATIVOS PARA CAPTAR AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS
DO TERCEIRO ANO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MATHEUS PHILIPPE FERNANDES ESTANISLAU SOARES

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, como requisito para obtenção do certificado de Especialista em EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, área de concentração EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Aprovada em 08 de fevereiro de 2025, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Tullio Campos - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Pedro Gabriel Viana do Amaral
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Belo Horizonte, 8 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo amor incondicional, pela paciência e por sempre me apoiarem nos momentos mais difíceis.

A você, Ellen, meu grande amor, agradeço por estar ao meu lado e por me inspirar a ser uma pessoa melhor. Só consegui seguir em frente com segurança e determinação porque você estava lá.

Aos meus amigos da pós-graduação, muito obrigado pela colaboração, pelas ideias compartilhadas e, acima de tudo, pela amizade que tornou essa fase tão memorável. Cada conversa, cada risada e cada compartilhamento da experiência contaram muito para transformar essa viagem em uma ótima experiência.

Um grande obrigado a todos vocês!

RESUMO

Este texto é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação do Centro Pedagógico/COLTEC em Educação Física Escolar. Tenho trabalhado com o processo da narrativa, inspirado nas obras de Walter Benjamin, há muitos anos, e sempre fui impactado pelas produções das crianças. Propus compreender os desenhos das crianças. O trabalho de campo ocorreu durante um mês no Centro Pedagógico da UFMG. Acompanhei uma professora que utiliza os desenhos das crianças como forma de registro. Esse registro serve para entender como elas foram impactadas pelas aulas de Educação Física, quais foram suas experiências, emoções e o que fez sentido para elas. Para interpretar esses desenhos, busquei leituras de autores como Manuel Jacinto Sarmiento, Gianfranco Staccioli, entre outros. Esse processo me impactou profundamente, pois os desenhos revelaram experiências vividas, significados e sensibilidades. A narrativa possui um poder transformador, capaz de sensibilizar as pessoas (Benjamin, 1987; Prado; Ferreira, Fernandes, 2011; Oliveira, 2013). E, nos dias atuais, estamos precisando abrir nossos corações, nos conectar e nos sensibilizar diante deste momento tão desafiador que estamos vivendo.

Palavras-chave: infâncias; desenhos; experiências; narrativas; registros.

ABSTRACT

This text is the result of a Course Conclusion Work for the Post-Graduation of the Centro Pedagógico/COLTEC in School Physical Education. I have been working with the narrative process, inspired by the works of Walter Benjamin, for many years, and have always been impacted by the children's productions. I proposed to understand the children's drawings. The fieldwork took place for a month at the Centro Pedagógico of UFMG. I accompanied a teacher who uses children's drawings as a form of recording. This recording serves to understand how they were impacted by Physical Education classes, what their experiences and emotions were, and what made sense to them. To interpret these drawings, I sought readings from authors such as Manuel Jacinto Sarmiento, Gianfranco Staccioli, among others. This process profoundly impacted me because the drawings revealed lived experiences, meanings, and sensitivities. The narrative has a transformative power, capable of sensitizing people (Benjamin, 1987; Prado; Ferreira, Fernandes, 2011; Oliveira, 2013). And, nowadays, we need to open our hearts, connect, and sensitize ourselves in the face of this challenging moment we are living.

Keywords: childhoods; drawings; experiences; narratives; recordings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crianças brincando de Pega-Pega.....	35
Figura 2 - Várias crianças dançando o Ritmo Quente	36
Figura 3 - Crianças produzindo os seus registros	37
Figura 4 - Ensaio do Pau de Fitas	38
Figura 5 - Desenho do Bruce.....	39
Figura 6 - Resolução de conflitos	41
Figura 7 - Ensaio da Festa Junina.....	42
Figura 8 - Desenho do Dave.....	42
Figura 9 - Outro desenho do Dave	43
Figura 10 - Desenho do Adrian.....	44
Figura 11 - Ensaio a todo vapor!	45
Figura 12 - Ensaio do Pezinho	46
Figura 13 - Desenho da Dana	46
Figura 14 - Desenho do Nicko	47
Figura 15 - Produção artística da Ellen	48
Figura 16 - Produção Artística do Janick.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A MINHA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO PEDAGÓGICO.....	19
4. A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS INFÂNCIAS.....	21
5. CONCEITUAÇÃO DE NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS	24
5.1 O processo narrativo:	26
6. METODOLOGIA	30
7. ANÁLISE DE DADOS	34
7.1 Desenho do Bruce.....	38
7.2 Desenho do Dave	42
7.3 Desenho do Adrian.....	44
7.4 Desenho da Dana	45
7.5 Desenho do Nicko	47
7.6 Desenho da Ellen	48
7.7 Desenho do Janick.....	50
8. CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	55

1. INTRODUÇÃO

“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui” (A Estrada, Cidade Negra, 1998).

Estamos em 2025. No ano que vem, completarei 10 anos desde minha formação em Educação Física na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Minha trajetória passou por altos e baixos. Iniciei meu curso de Educação Física na UEMG, mas pedi transferência para a PUC-MG, pois era mais perto de casa. Entrei na UEMG em 2012, saí em 2013 e, em 2014, comecei minha jornada na PUC-MG, onde concluí minha graduação em 2016.

De 2016 a 2022, enfrentei os mais desafiantes anos da minha vida. Nesse período, fiquei desempregado e, por um tempo, tornei-me desalentado. Fazia alguns bicos como professor de Tae-Kwon-Do, mas a remuneração era baixa. O reconhecimento era praticamente inexistente, o que quase me fez desistir da carreira como professor.

Porém, a partir de 2022, minha vida começou a mudar, passei na designação do Estado, participei de um movimento grevista por melhores condições salariais e comecei a dar aulas de Tae-Kwon-Do em escolas particulares. Após o encerramento da greve, a Federação do Estado de Minas Gerais (FTEMG) me convidou para trabalhar como professor de Tae-Kwon-Do na Escola Integrada. Início minha trajetória como professor de Tae-Kwon-Do na Escola Integrada. A narrativa foi essencial para o processo de registro e evolução das técnicas do Tae-Kwon-Do; ao final de cada mês, pedia aos estudantes que registrassem o que mais gostaram nas aulas de Tae-Kwon-Do, eles eram livres para desenhar, escrever ou ambos.

Em julho de 2023, fui chamado para tomar posse como professor municipal de Educação Física na cidade de Santa Luzia. No mesmo ano, iniciei minha pós-graduação na UFMG, entro na Pós-Graduação com o objetivo de iniciar minha trajetória acadêmica, buscando criar conexões para um futuro mestrado. Já em julho de 2024, peço exoneração em Santa Luzia para realizar um grande sonho: dar aulas na rede municipal de Belo Horizonte (PBH).

Esse percurso de formação, desalento e reaproximação com a escola me transformou na pessoa que escreve este texto. Acredito que este é um novo ponto de partida para minha vida como professor-pesquisador de Educação Física.

Minha história com as narrativas¹ teve início durante um estágio vinculado a um projeto de extensão na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2014. Na época, eu fazia parte de um grupo de universitários que ministrava aulas para crianças em uma creche de Belo Horizonte. Esse projeto de extensão foi a minha primeira oportunidade de lecionar e adquirir experiência em docência, e foi lá que tive meu primeiro contato com as narrativas pedagógicas, experiência essa que impacta minha forma de ensinar até os dias de hoje.

Após o projeto de extensão, surgiu a oportunidade de trabalhar no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde permaneci de 2015 até o final de 2016, levando comigo a experiência adquirida com as narrativas pedagógicas. Em 2015, o grupo em que eu fazia parte criou um caderno no qual as crianças podiam escrever, desenhar ou utilizar outros tipos de registros para documentar o que acontecia nas aulas de Educação Física, sendo esses os primeiros registros que fiz com as crianças.

Em 2016, tive a oportunidade de acompanhar uma professora que trabalhava com um Caderno de Educação Física. Essa experiência foi um divisor de águas, pois minha curiosidade e paixão pelas narrativas aumentaram ao acompanhar os registros que ocorriam nas aulas de Educação Física.

Neste mesmo ano, produzi meu TCC, no qual explorei como as narrativas pedagógicas modificaram meu percurso como docente. O trabalho consistiu em descrever minhas aproximações com o campo da pesquisa narrativa. A produção permitiu ter um olhar e uma escuta mais sensíveis. Esta forma de trabalhar fez com que eu percebesse a Educação Física de outra maneira: como uma disciplina de ser crítica, libertadora e que permite inúmeras experiências com os sujeitos que a compõem. Analisar esse "olhar" e "escuta sensível" não foi uma tarefa fácil. Ser um professor-pesquisador com sensibilidade aflorada, em busca de criar processos que possibilitem novos modos de ouvir a criança, causou-me um grande desgaste. Foi por meio de tentativas e erros que busquei uma forma de trabalhar alinhada aos meus princípios. Classificar os acontecimentos em prateleiras tende a não funcionar, pois devemos buscar essa análise a partir de outros olhos. Não devemos ser rígidos, mas sim ser maleáveis aos processos que ocorrem ao escutar as crianças (Magnani,

¹ A narrativa é uma forma de registro que apresenta intensamente uma história capaz de causar grande impacto. Por meio dela, é possível captar de maneira profunda os sentimentos despertados durante aquela experiência (Benjamin, 1987; Prado; Ferreira, Fernandes, 2011).

2002).

Os registros foram guardados com o objetivo de serem analisados em uma futura pós-graduação. Além disso, eu tinha como objetivo principal compartilhar o que estava ocorrendo nas aulas de Tae-Kwon-Do com os meus colegas de trabalho. Eu estava produzindo registros que contribuíam para repensar as metodologias que estavam sendo aplicadas nas aulas e avaliar o conhecimento dos estudantes, e nos desenhos das crianças ficava nítido como elas se apropriavam dos ensinamentos filosóficos, das sequências de movimentos, da oportunidade de experimentar e vivenciar o Tae-Kwon-Do e, além disso, os estudantes tinham a oportunidade de expressarem seus sentimentos.

Em 2023, iniciei minha Pós-Graduação e escolhi a narrativa como tema para meu TCC, onde irei explorar como ela pode ser utilizada como compreensão de como as crianças perceberam e se percebem ao realizar as práticas corporais nos encontros da Educação Física do Centro Pedagógico.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo central compreender as experiências das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, de uma escola de Tempo Integral - Centro Pedagógico (CP) - dentro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante as aulas de Educação Física. Nesse sentido, traço como caminho, para capturar essas experiências, uma pesquisa qualitativa aliada à pesquisa colaborativa.

2. A MINHA EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir de 2022, minha experiência com a Educação Física mudou bastante. Após anos ausente da escola, finalmente consegui um emprego em uma instituição de ensino. Nos primeiros meses, lecionei no Ensino Médio como professor de Educação Física do Estado de Minas Gerais e, simultaneamente, ministrava aulas de Tae-Kwon-Do em escolas privadas de Belo Horizonte. Após três meses de experiência, a Federação de Tae-Kwon-Do do Estado de Minas Gerais (FTEMG) me convidou para lecionar no projeto da Escola Integrada.

Após um ano e meio, consegui uma vaga como professor de Educação Física na rede de Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte. Atualmente, sou professor de Educação Física na Rede Municipal de Belo Horizonte. Essa imersão profunda e as trocas de experiências modificaram significativamente minha visão sobre a Educação Física, a Infância e a Escola.

Durante o curso de graduação, tive a oportunidade de vivenciar experiências em Projetos de Extensão em uma creche e no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). Ambos os programas proporcionaram uma reflexão profunda sobre a profissão de professor de Educação Física, especialmente sobre o conceito de Educação Física. Mesmo após vários anos, ainda ouço que minha disciplina é vista como um momento para as crianças se cansarem e, assim, ficarem mais concentradas nas disciplinas “nobres”. Em certos momentos, a Educação Física é vista apenas como uma oportunidade para trabalhar a coordenação motora ou como um celeiro de atletas. Ouvir isso me causa um desconforto, pois, na minha compreensão, a Educação Física é muito mais ampla:

[...] são longos anos de uma tradição em que os aspectos específicos desta instituição republicana chamada “escola” não nos diziam respeito. Nosso fazer não passava de uma “atividade” que acontecia no seu interior. Nosso compromisso resumia-se a uma “atividade” (fazer) e hoje somos desafiados a construir um saber “com” esse fazer (Gonzalez; Fensterseifer, pp.12-13, 2010).

É um texto de 2010 e, quatorze anos depois, o desafio continua o mesmo. Esse desafio foi agravado pelos anos de pandemia, e recuperar a construção desse saber-fazer é muito delicado, tendo em vista que os estudantes passaram dois anos sem convivência com seus colegas, e o ensino a distância prejudicou significativamente a experiência desses alunos.

Bracht (1996) aponta que o movimento humano e o ato de movimentar-se são estruturas de alta complexidade e devem ser compreendidos em sua totalidade. Alguns textos me ajudam a entender os motivos pelos quais a Educação Física ainda é compreendida de maneira limitada. González e Fensterseifer (2010) oferecem reflexões interessantes sobre o estado da Educação Física no ambiente escolar. Infelizmente, nosso campo ainda carece de um aprofundamento crítico, um projeto de controle do corpo e uma escuta mais atenta do mundo.

Desde o século XX, a Educação Física sofreu diversas influências. A primeira influência que sofremos veio do campo militar e médico, onde a Educação Física tinha como finalidade construir um corpo belo, forte, saudável e assim transformar aquele corpo “feio” em um corpo de um cidadão brasileiro (Vago, 1999). Devemos lembrar que a influência capitalista e os avanços da modernidade brasileira impactaram nas concepções sobre o corpo, pois este corpo tinha um projeto nacionalista. Os exercícios sistematizados tinham como objetivo uma promoção da saúde² (Bracht, 1999).

Posteriormente, o esportivismo ganha força no cenário brasileiro, ele foi um fenômeno que mudou o objeto da Educação Física, infelizmente, essa concepção esportivista persiste nos dias atuais. Existe uma visão de que, a partir das concepções do rendimento e concorrência, os corpos irão ser treinados e, a partir deste treinamento, iremos conseguir uma maior resistência, força, melhoras em nosso comportamento e respeito às normas (Bracht, 1999). O capitalismo influenciou muito o esporte, pois, através do quadro de medalhas, o país mostrava sua força (Bracht, 1999).

A década dos anos 80 foi muito importante para a Educação Física, pois houve um movimento para elevar a Educação Física para outro nível. A partir das influências da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, a educação física tinha um novo objeto: permitir experiências corporais com o objetivo de desenvolver o aspecto motor e cognitivo (Bracht, 1996). Este movimento possibilitou uma mudança no objetivo da Educação Física, neste caso, a Educação Física era compreendida como um movimento humano que auxiliava no desenvolvimento integral da criança (Bracht, 1996).

² O foco era promover uma saúde voltada para um corpo com objetivos nacionalistas e patrióticos. A saúde era vista como uma forma de 'moldar' o corpo para atender a propósitos vigentes na época. Um exemplo disso foram as influências da ginástica no Brasil.

As influências higienistas, da aptidão física e desenvolvimentista não se preocupam com aspectos sociais em que os estudantes estão inseridos, como não buscam compreender a história daqueles meninos(as) e não buscam um conhecimento emancipatório (Bracht, 1999; Kunz, 2014).

A Prefeitura de Belo Horizonte recentemente abriu espaço para a Educação Física nos anos iniciais, e vejo diariamente a dificuldade de meus colegas em compreender a especificidade da Educação Física como área do conhecimento. Diante disto, eu me pergunto: *O que a Educação Física ensina?* Para responder a essa pergunta, irei fazer dois movimentos. Buscar a resposta nos documentos normativos e na produção acadêmica.

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (Brasil, 2018).

A Educação Física tem uma responsabilidade. Através das nossas práticas, devemos potencializar a comunicação com o mundo. A humanidade, ao longo da sua jornada, foi adquirindo um vasto conhecimento sobre o mundo e devemos compartilhar esse saber com as demais pessoas. Uma parte deste conhecimento cabe à Educação Física compartilhar, que diz respeito às práticas corporais.

Como professor de Educação Física, tenho como dever oportunizar aos meus estudantes condições de serem sujeitos críticos, (re)construtores, produtores e consumidores de diversas culturas, mas como devo fazer isso? Durante minha formação na universidade, sempre me perguntava: *qual caminho devo seguir? Qual viés pedagógico devo adotar?* Foi então que me deparei com duas obras: Metodologia do Ensino de Educação Física (1992) e Transformação Didático-Pedagógica do Esporte (2014). A produção destas duas obras influenciou a forma como vejo a Educação Física e como me vejo sendo professor de Educação Física de uma rede pública.

A Transformação Didático-Pedagógica do Esporte (2014) traz o conceito de crítica emancipatória. *Mas o que seria isso?* Uma educação física pautada nos valores da crítica emancipatória tem como objetivo oportunizar aos estudantes uma ampliação de experiências, capacitando-os a serem sujeitos ativos na sociedade, permitindo que critiquem, (re)descubram e problematizem o mundo (Kunz, 2014). A crítica

emancipatória abrange três elementos-chave: competência objetiva, social e comunicativa. A competência objetiva refere-se ao direito do estudante ao conhecimento sobre práticas corporais, ao ensino de técnicas para minimizar frustrações que podem ocorrer no esporte e à capacidade de promover estratégias para a resolução de problemas durante as atividades (Kunz, 2014). A comunicação social envolve a compreensão das relações sociais, o papel do estudante na formação da sociedade e a importância da solidariedade (Kunz, 2014). A competência comunicativa diz respeito à compreensão das formas de comunicação com o mundo, possibilitando um processo reflexivo e crítico (Kunz, 2014).

O Coletivo de Autores (1992) introduz o conceito de crítica superadora. Fortemente influenciados pelo marxismo e no materialismo histórico-dialético, os autores propõem que devemos nos preocupar com os interesses da classe trabalhadora. Através desse movimento, podemos garantir o desenvolvimento de uma consciência de classe, reconhecimento de valores e conscientização dos estudantes sobre seus direitos. Os autores oferecem um novo olhar para a educação física, que eles definem como “cultura corporal”. O ser humano se apropria do conhecimento gerado pela sociedade e o transforma, podendo propor atividades lúdicas, artísticas e outras. Através dessa transformação, podemos representar nossos ideais como classe trabalhadora (Coletivo de Autores, 1992).

A cultura corporal permite ao ser humano modificar o conhecimento corporal através da sua intencionalidade. Ao fazer este trajeto, podemos modificar o esporte, ginásticas e outras atividades que a Educação Física apropria para um caminho: lúdico, artístico ou outros que podem representar seus ideais de mundo (Coletivo de Autores, 1992). Através da cultura corporal, podemos considerar o movimento como uma forma de linguagem (Coletivo de Autores, 1992). A linguagem é viva! Por meio das interações entre sujeitos — como professor e estudantes, por exemplo —, somos capazes de buscar novas reflexões sobre uma expressão apresentada. Na Educação Física, a linguagem é fortemente marcada pelo ato de movimentar-se. Esse movimento está impregnado de marcas sociais, culturais e históricas. Sob essas influências, o movimento pode tornar-se rico em sentidos, evocando memórias afetivas na criança e permitindo múltiplas formas de expressão (Soares, 2006).

[...] propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma série de relações com o espaço, com os objetos, com o colega, com o grupo, com o professor, com o ritmo, sendo essas relações justificadas na descoberta do movimento (Soares, 2006, pp.28-29).

Ao incorporarmos o conceito de linguagem nas aulas de Educação Física, estabelecemos novas interações com o conhecimento específico da área. Esse conhecimento adquirido permite desenvolver uma escuta mais atenta, uma sensibilidade ampliada e uma escrita mais aprofundada sobre os saberes da Educação Física (Campos; Freitas, 2011).

O Coletivo de autores (1992) apresenta três pontos para refletirmos sobre nossa prática docente: diagnóstico, judicativo e teleológico. A reflexão diagnóstica permite fazer uma leitura sobre o que ocorre no chão da escola. A reflexão judicativa consiste no julgamento a partir da ética que representa uma classe. A reflexão teleológica questiona quais caminhos devemos percorrer para alcançar determinados objetivos.

Compreendo que há críticas a serem feitas em ambas as obras, mas a vivência no espaço público me orienta sobre quais trajetos devo seguir e quais não são viáveis.

Além disso, as metodologias tradicionais predominantes no ambiente escolar não respondem mais às demandas contemporâneas e não proporcionam experiências significativas (Coletivo de Autores, 1992). Nesse sentido, defendo aqui uma Educação Física de qualidade, que proporcione experiências positivas e enriquecedoras para os alunos.

Nessa linha, a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (Gonzalez; Fensterseifer, 2010, p.12).

A Educação Física com a qual trabalho dialoga intensamente com os campos da linguagem, da “cultura corporal” e da educação da sensibilidade. Como professor ativo, consigo proporcionar, dentro da minha realidade, uma Educação Física que cria um campo existencial. Esse conceito foi introduzido por Elenor Kunz em sua obra *Transformação Didático-Pedagógica* (2014, 8ª ed.). O campo existencial é repleto de signos que refletem a vivência da pessoa no mundo. A escola deve atuar como um local que amplia esse campo. Kunz (2014) faz uma analogia interessante sobre o campo existencial, comparando-o a uma mancha de óleo na água: alguns têm uma mancha grande, outros, uma pequena. Como professor em uma rede pública, meu objetivo é proporcionar elementos que ampliem a “mancha de óleo” dos meus estudantes. A Lei Federal nº 9394/1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da

Educação, estabelece a necessidade de oferecer uma Educação Física de alta qualidade para os estudantes. O artigo 22 desta lei estabelece que:

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (Brasil, 1996).

A Lei Federal n.º 9.394/1996 é uma legislação de extrema importância para garantir uma Educação Física de qualidade, pois, a partir dela, conseguimos fortalecer uma formação pautada em bons valores para a sociedade, promovendo a harmonia necessária para conviver com o próximo. Sabemos que existem críticas a serem feitas, pois ela não especifica a quantidade de aulas por semana e nem exige material de qualidade. A mesma lei traz em seu artigo 26, parágrafo 3: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental [...]” (Brasil, 1996). A Educação Física é um campo que promove a comunicação com o mundo. A partir dessa comunicação, podemos conhecer as produções humanas criadas ao longo dos anos, além de ampliar e (re)construir os conceitos dessas produções (Kunz, 2014).

Em minhas aulas, proponho um movimento crítico e uma visão e escuta sensíveis. As inspirações do movimento renovador me fornecem elementos para permitir que os estudantes desenvolvam a capacidade de serem sujeitos reflexivos e sensíveis, de modo que, a partir dessa manifestação crítica e sensível, possam ver, escutar e sentir o mundo sob novos olhares e sentidos (Kunz, 2014).

Uma Educação Física pautada na sensibilidade permite intensificar nossos sentimentos, fortalecendo e sensibilizando nosso olhar e escuta. Nos dias atuais, precisamos disso; precisamos nos abrir e buscar ampliar as nossas vivências. Quando o professor possibilita a ampliação das vivências proporcionadas pela Educação Física, ele intensifica a experiência de sentimentos. Ao darmos oportunidades para a intensificação de sentimentos, criamos a chance de um crescimento exponencial (Alves, 2018).

A sensibilidade para perceber o mundo faz parte da minha concepção de Educação Física. Proponho sempre aos meus estudantes que expressem abertamente os sentimentos que surgem durante nossos encontros. Dessa forma, posso proporcionar a eles um espaço para expressar seus pensamentos, sentimentos e opiniões, criando um momento de diálogo, experimentação, conhecimento de si e

do mundo. Uma visão pautada na sensibilidade permite visualizar os contextos que nos rodeiam.

As concepções da crítica-superadora e crítica-emancipatória trouxeram uma nova perspectiva sobre o ato de movimentar-se. Através dele, podemos compreender nosso corpo com maior profundidade. O corpo fala! O interessante é que a proposta da “Cultura Corporal” se preocupa com o que a linguagem corporal pode proporcionar. Os movimentos têm sentido e significado, que podem ser ampliados por meio de diversas formas de movimentação. A expressão corporal é uma das maneiras de se comunicar com o mundo (Machado, 2010).

3. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CENTRO PEDAGÓGICO

A proposta curricular do Centro Pedagógico é muito diferente das experiências que já tive. Durante minha inserção, constatei uma grande união entre os professores, um engajamento que dificilmente observo em outros espaços escolares. O que mais me surpreendeu foi ver a paixão dos professores ao ministrarem suas aulas. A experiência proporcionada aos estudantes, com as diversas práticas corporais experimentadas ao longo dos nove anos, evidencia que a Educação Física desempenha um papel importante na formação desses alunos.

Ao ler documentos como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a proposta pedagógica da Educação Física, fica claro que a Educação Física do Centro Pedagógico (CP) dialoga profundamente com as concepções da Cultura Corporal de Movimento. Por meio dessa abordagem, as compreensões e os entendimentos das práticas corporais são intensificados, permitindo uma visão mais ampla sobre o mundo (PPP-CP, 2017). Existem três pilares que fundamentam a Educação Física no CP: o saber-fazer, o saber-sobre e o saber-apreciar.

- **Saber-fazer** refere-se à experiência de aprender movimentos, como uma dança ou um golpe de arte marcial. De forma geral, trata-se de experimentar os movimentos que a Educação Física pode proporcionar.
- **Saber-sobre** está relacionado a um processo reflexivo sobre o próprio corpo, como conhecer seus limites e medos, além de produzir uma apresentação artística.
- **Saber-apreciar** consiste em dialogar sobre o conhecimento adquirido em uma prática corporal e compreender os aspectos que a envolvem em sua totalidade. Por exemplo: ao abordar o tema das lutas, é possível associar essa prática com questões sociais, como brigas que ocorrem nas ruas ou até no próprio ambiente escolar.

Acompanhei estudantes do terceiro ano do ensino fundamental, e os documentos norteadores indicam que a compreensão sobre a infância dialoga fortemente com os conceitos benjaminianos. O Projeto Político Pedagógico (PPP) do centro pedagógico compreende a infância, como: “[...] uma representação social, constituída por sujeitos pensantes com desejos e interesses próprios” (PPP-CP, 2022, p.55). O documento nos leva a compreender que nesta etapa da vida a criança passa por inúmeras influências, principalmente por vias culturais e históricas. O (PPP-CP,

2022) busca romper com concepções que dizem que a criança é um ser incompleto e imaturo, ela trilha por um caminho que as crianças têm vozes, são sujeitos críticos, criativos e que produzem e consomem uma cultura (Benjamin, 2008).

4. A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS INFÂNCIAS

A infância já me acompanha há bastante tempo, e grande parte da minha experiência como professor vem dos anos iniciais. Neste momento, não me vejo atuando fora desse campo. A cada dia, fico surpreso com os diálogos das crianças. Suas falas possibilitam inúmeras intervenções, e saber como se comunicar e escutar as crianças é essencial, pois, por meio desse movimento, podemos ver, sentir e ouvir o mundo.

As produções narrativas que desenvolvo com elas produzem inúmeros resultados, mas nem sempre positivos. Em certos momentos, as crianças demonstram dificuldades para compreender os questionamentos que proponho. Minha inserção como professor de Educação Física nos anos iniciais ocorreu e ainda ocorre em locais de grande vulnerabilidade. Nesse espaço, o acesso ao lazer, a políticas de saúde e a uma escola de qualidade são negados pelo Estado, e a construção de políticas públicas ocorre a passos lentos. Diante dessa dificuldade, a formação das crianças está incompleta. Para agravar esse processo, há uma epidemia de violência que impregna meus estudantes. É muito assustador ver as brigas e ouvir a forma como eles se xingam e ofendem uns aos outros.

Dessa forma, pergunto-me: *Existe uma preocupação do Estado com as crianças que vivem na periferia? O que é a infância na periferia?* Esses questionamentos são muito difíceis de responder, pois a realidade na qual meus alunos estão inseridos é de barbárie. Vivo em um contexto onde a infância convive com uma violência extrema, fruto do tráfico de drogas. É nesse espaço de hostilidade e dificuldades para compreender o outro que as crianças estão inseridas.

As crianças, com quem poderíamos aprender a mudar e a fazer história do lixo e reinventar a esperança, aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão (Kramer, 2007, p.6).

Através de uma infância pautada na sensibilidade, podemos compreender como as crianças veem o mundo e, através de diálogo, podemos aprender com elas (Kramer, 2007).

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem (Kramer, 2007, p.5).

A infância é um momento crucial para que a criança tenha acesso a uma formação cultural que oportunize a discussão de valores, experiências, do compartilhamento de seus sentimentos e do desenvolvimento de diversas linguagens (Kramer, 2007; Gouvêa, 2011). Garantindo um acesso à experiência e à linguagem, permitimos que a criança produza cultura, compartilhe suas experiências, compreenda os valores impostos pela sociedade, do papel que ocupa naquele território. Trabalhando desta maneira, garantimos à criança um papel de desenvolver inúmeras interpretações do mundo (Gouvêa, 2011).

O espaço que a Educação Física proporciona é ideal para que a criança se perceba no mundo. Esse é um dos espaços onde a brincadeira pode ser explorada de diversas maneiras, tornando-se prazerosa. Ao brincar, podemos compreender a cultura, e o brincar amplia a imaginação. Essa imaginação permite dar novos sentidos à cultura (Gouvêa, 2011).

Ao produzir este texto, lembro-me de um desenho animado da minha infância: "O Fantástico Mundo de Bobby". Era uma animação que mostrava as aventuras de Bobby, um menino muito criativo e aventureiro. Suas brincadeiras eram amplificadas com sua vasta imaginação; o simples descer de uma escada virava uma aventura mágica, repleta de desafios.

O que seria imaginação?

[...] é a capacidade de elaborar imagens, tanto evocando objetos e situações vividas, como formando novas imagens. A imaginação funda-se numa relação com o sensível, ao mesmo tempo em que rompe com ele, ao representá-lo através de imagens" (Gouvêa, 2011, p.558).

A criança percebe o mundo, vê e escuta de uma forma única. Esses sujeitos possuem uma forte sensibilidade. Essa sensibilidade, quando transcrita para os adultos, nem sempre é acompanhada de expressões inesperadas e surpresas. A leitura do mundo infantil é feita através de signos e linguagens que ela apropria, tornando-se uma produtora de cultura. Incentivar a percepção e permitir o compartilhamento desse mundo é essencial para o desenvolvimento da criança. É muito importante proporcionar um espaço criativo durante a infância, pois a imaginação é um componente essencial para a construção de sua percepção de mundo. Infelizmente, a imaginação não é vista como um caráter formador (Gouvêa, 2011). "A imaginação permite o desenvolvimento do pensamento criativo, fundamental para a inserção no mundo" (Gouvêa, 2011, p. 558). A imaginação é uma capacidade dos sujeitos de interpretar o mundo, atribuindo novos significados e

rompendo com paradigmas (Gouvêa, 2011). O uso da imaginação como formação do sujeito permite desenvolver uma maior intimidade com os sentimentos e o autoconhecimento.

Benjamin (2008) já demonstrava preocupação com a fixação do adulto sobre o mundo infantil. Toda essa teorização impedia uma visualização completa de como as crianças se apropriam do mundo. Elas serão sempre curiosas, querendo tocar, sentir e investigar o mundo em que estão inseridas, desejando criar novas experiências sobre ele.

“As crianças, especialmente, comunicam-se muito pelo seu se-movimentar, pela linguagem do movimento” (Kunz, 2014, p. 48). Como professor de Educação Física, sempre irei basear meus ideais que possibilitem à criança explorar o mundo a partir dos seus movimentos.

5. CONCEITUAÇÃO DE NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS

Desde 2014, tenho trabalhado com o processo narrativo, e sinto que esse trabalho possibilitou um olhar e uma escuta sensível mais ampliados. Em certos momentos, pergunto-me: *A narrativa ampliou minha sensibilidade? Eu estaria onde estou sem a narrativa?* São perguntas que podem gerar respostas complexas. Acredito que a escrita narrativa possibilitou uma maior sensibilidade para ver o mundo. A narrativa é uma grande paixão minha, e falar sobre ela é muito especial, pois, através dela, consegui realizar vários trabalhos interessantes. Ela me proporcionou um grande enriquecimento profissional, e a partir dela passei a olhar a educação física com outros olhos.

O ano de 2022 foi o mais intenso na minha experiência como professor. Após dois anos de pandemia, as coisas voltaram ao "normal". Logo nos primeiros meses, percebi diversos problemas: estudantes com grande dificuldade de leitura e escrita, perda do vínculo com a escola, comportamentos inadequados e, em certos momentos, até violentos. Meus alunos apresentavam uma dificuldade enorme para escutar os professores. No entanto, o pior legado da pandemia foi a pobreza de experiência. Lembro de uma aula em que os alunos não sabiam o que era o "Pega-pega". Ouvir isso de uma criança do terceiro ano me impactou de uma maneira que não esperava. Durante os dois anos de confinamento, meus alunos não tiveram trocas de experiências com os outros, o que resultou em um silenciamento extremo que prejudicou muito minhas abordagens como professor de Educação Física. Eles não conseguiam falar ou expressar seus sentimentos quando questionados. O silêncio era constrangedor. O mais assustador é que não vejo nenhum movimento político-educacional discutindo o silenciamento dos estudantes.

Vivemos atualmente em uma sociedade da informação e da tecnologia. A cada instante, recebemos diversas informações. O acesso à informação é facilitado pela modernidade, especialmente com tablets e smartphones, onde a informação circula rapidamente, sem crítica. Infelizmente, informação e conhecimento têm sido confundidos. "Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa além de adquirir e processar informação" (Bondía, 2002, p. 22). Segundo Benjamin (1987), esse tempo de excesso de informação vem acompanhado de explicações rápidas e superficiais; a informação tem uma vida muito curta e precisa transmitir a mensagem de forma instantânea. Após essa breve

passagem, ela desaparece. "Somos pobres em histórias surpreendentes" (Benjamin, 1987, p. 204). Hoje em dia, estamos testemunhando um grande esquecimento de nossas experiências cotidianas, não sabemos ouvir o outro e temos medo de ser criticados por nossos erros, tornando o ser humano um sujeito sem voz, paralisado diante dos acontecimentos ao seu redor. A dificuldade na comunicação decorre dos tempos tecnológicos que vivemos, dificultando a troca de saberes.

Benjamin (1987) já nos alertava sobre o empobrecimento da experiência causado pela Primeira Guerra Mundial: "[...] já se podia notar que os combatentes voltaram silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos". Os dois anos de reclusão trouxeram uma imobilidade sem precedentes. O desconhecimento sobre as consequências da Covid-19, junto à ausência de políticas públicas adequadas, causou um impacto devastador, gerando um grande medo. Esse empobrecimento resultou em uma paralisia. Benjamin (1987) aponta a barbárie como consequência da pobreza de experiência, que impede o progresso, nos faz perder forças e esperanças, dificultando a retomada.

Mas o que seria essa experiência? "A experiência é o que nos acontece, o que nos toca" (Bondía, 2002). A experiência nos comove, exerce uma força que nos sensibiliza (Bondía, 2002). A sensibilidade e a abertura para a experiência são essenciais para mim. Ao nos permitirmos expor, ampliamos nossos sentimentos e conseguimos vivenciar plenamente os acontecimentos das aulas de educação física. A experiência nos permite trilhar o desconhecido, oferecendo a oportunidade de trilhar novos caminhos. Nessa jornada pelo desconhecido, encontramos o perigo, o inesperado, a dor e outras sensações que devem ser pilares na formação de um ser humano (Bondía, 2002). A experiência tem uma capacidade formativa (Bondía, 2002). É fundamental entender que a experiência será captada a partir da sensibilidade.

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional (Bondía, 2009, p.26).

O sentimento é essencial para amplificar a nossa experiência, através dele abrimos uma porta para novas sensações: ao afeto, ao companheirismo e à liberdade (Bondía, 2002).

5.1 O processo narrativo:

Nos últimos dez anos, tenho tentado conceituar a narrativa no contexto escolar, e, de tempos em tempos, esse conceito vai se transformando. Trazer algo novo para a escola apresenta seus desafios. Infelizmente, estamos em uma zona de conforto, e sair desse lugar é muito difícil. Na universidade, eu ouvia críticas negativas ao processo narrativo. Ao meu ver, essas críticas eram infundadas, pois não traziam um processo reflexivo e poderiam ser facilmente questionadas. No campo escolar, essas críticas geram diversos ruídos: 1) por trazer novidades, 2) por questionar o porquê de se introduzir algo novo, 3) pela percepção de que o papel do professor de educação física seria apenas ensinar esportes, e 4) por questionar a importância de escutar os estudantes. Já passei por diversas escolas, e os mesmos ruídos sempre surgem. Por conta disso, tento trazer um conceito mais simples para explicar aos meus colegas o que entendo por narrativa, mas não é fácil explicar com poucas palavras. Surge então a pergunta: *O que eu entendo por narrativa? Por que trabalhar com a narrativa?*

Trabalho com a narrativa porque o registro de nossas aulas é de extrema importância. Através dele, podemos compartilhar nossas experiências. Esse compartilhamento oferece conselhos carregados de sabedoria (Fernandes, 2019). “A sabedoria do homem é sua vida vivida” (Fernandes, 2019, p. 4). Mas o que seriam esses conselhos? Eles representam ensinamentos com utilidade prática ou moral, adquiridos ao longo dos anos, além do compartilhamento de valores. O conselho é composto por todas as sensações que já vivenciamos e que devemos transmitir às futuras gerações (Benjamin, 1987). O segundo motivo para trabalhar com a narrativa é que o processo é centrado no coletivo. Sua produção e transmissão são sempre realizadas em grupo. A coletividade é essencial nos dias atuais, em um contexto onde a individualidade é tão acentuada e o egocentrismo cada vez mais presente. O terceiro é que atualmente algo me incomoda profundamente: o silêncio. Meus estudantes não conseguem se expressar! Quando questionados, ficam em total silêncio. Uma forma que encontrei de escutá-los é através da narrativa, pois, ao narrar suas histórias, podem criar uma identidade (Prado; Ferreira; Fernandes, 2011), e as histórias geradas por essa narrativa produzem conhecimento (Galvão, 2005). Acredito que ao proporcionar um espaço para eles falarem, podemos romper esse silêncio. “Ter o que contar alimenta a cadeia da tradição. Contar, ouvir e passar adiante são traços da atividade narrativa” (Oliveira, 2013, p. 42). Sou profundamente inspirado pelos

conceitos que Walter Benjamin traz sobre a narrativa. "O Narrador" é uma obra que releio com frequência, e a cada leitura surgem novos conceitos, dúvidas e reflexões. Sinto grande satisfação em trabalhar com narrativas, pois acredito que esse caminho tem me permitido explorar temáticas muito interessantes ao longo dos anos como professor de educação física. "Quem viaja tem muito a contar" (Benjamin, 1987, p. 198). Quem tem muitos "causos" tem muito a compartilhar, e eu tenho vários para contar! A narrativa permite fazer isso de uma forma mágica.

No entanto, nem tudo são flores. O processo narrativo é desafiador. Escrever já é algo trabalhoso, e escrever sobre os próprios sentimentos é ainda mais difícil. Abrir o coração ou responder a perguntas que não são feitas cotidianamente na escola é um grande desafio. Quando faço o movimento de perguntar aos alunos: *E aí, gostou da aula? O que você sentiu ao correr?* Essas perguntas, feitas no final de cada aula, têm um propósito. Ao escutarmos o próximo, esse processo de escuta tem uma grande importância na formação humana. Quero que os estudantes entendam que os sentimentos são essenciais para nossa formação como seres humanos. Além disso, o processo reflexivo proporcionado pela narrativa nos permite produzir conhecimento sobre nós mesmos e sobre o outro (Prado; Ferreira, Fernandes, 2011).

A narrativa é aberta! Não existe um "fim". Ela possibilita, por exemplo, que usemos os desenhos das crianças como uma forma de narrar suas experiências. A narrativa não termina no "fim", ela continua germinando em nossas memórias e consegue transcender o tempo (Oliveira, 2013). Um exemplo disso foi um acontecimento que vivenciei:

Em 2014, estava no estágio em Licenciatura acompanhando uma turma de 6º ano para o estágio no Ensino Fundamental, em uma escola privada. Neste lugar há uma organização de quadras que muda a cada semana e neste movimento os alunos sempre perguntam onde ocorrerá a aula de Educação Física, em certo momento uma aluna chegou para mim e disse:

- Onde será a aula professor?

- Será na Gaiola (A Gaiola é uma quadra que os alunos apelidaram já que é totalmente cercada)

Neste instante, esta aluna deixou-me extremamente emocionado com sua resposta tão inesperada:

- Eu não irei para a gaiola! Meu corpo é um espírito livre!

E assim ela abriu seus braços e começou a voar (Caderno de Campo, 2014).

Este acontecimento, que completa dez anos em 2024, comprova o que Benjamin falava em sua obra "O Narrador": "Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desenvolver" (Benjamin, 1987, p. 204). A narrativa tem o poder de intensificar a memória daqueles sujeitos que participam dessa experiência.

(Re)contar este acontecimento é prazeroso, e quando compartilho essa experiência com as pessoas, elas sempre ficam surpresas, e jamais me sinto solitário. A narrativa transmitida neste texto é única; jamais acontecerá com esses mesmos detalhes. Ela tem uma "aura" (Benjamin, 1987; Fernandes, 2019). Destaco que uma escrita narrativa é uma forma de compartilhar nossas experiências, as lições que aprendemos ao longo da vida e as reflexões que ela provoca. Eu me preocupo muito com o poder da "Tradição", infelizmente, estamos esquecendo os ensinamentos dos mais velhos, sua sabedoria de transmissão está morrendo e eu acredito que, fazendo um trabalho de narrador e ouvinte, podemos resgatar isso (Benjamin, 1987). Nossas memórias são cruciais para o nosso desenvolvimento como ser humano. A narrativa é fundamental para a transmissão da experiência, pois ao compartilharmos esses saberes, ele será passado (Fernandes, 2019).

Tenho feito um movimento de trazer o afeto para os meus encontros, trabalhar a sensibilidade tem sido um pilar para a minha docência. Nos últimos dois anos, eu tenho trazido o afeto e a narrativa como companheiras, eu faço esse movimento, pois acredito fortemente no papel formador que a narrativa pode proporcionar. Através deste movimento, permitimos aguçar a nossa curiosidade em experimentar novas sensações sem a interferência de julgamentos (Freitas, 2008). Um ponto interessante deste processo é que a narrativa não precisa ser explicada, o ouvinte irá interpretar de sua maneira (Benjamin, 1987).

Como o leitor poderá observar mais à frente, trago o desenho como expressão das crianças, como narrativa das suas experiências. Mas Matheus, você está trazendo o desenho como uma forma de narrativa, mas o processo narrativo não se dá pela via oral ou escrita? Não! Eu tenho tentado trazer na minha prática docente outras manifestações narrativas. "Toda manifestação da vida espiritual humana pode ser concebida como uma espécie de linguagem" (Benjamin, 2008, p.49). "Porque a escrita, e os diferentes **modos de registro** das linguagens, é uma plataforma de lançamento para múltiplas possibilidades de aprender" (Prado; Ferreira; Fernandes, 2011, p.145, grifo meu). O desenho é uma forma de experimentar as formas de interação, ao desenhar damos um significado, atribuindo um novo valor (Freitas, 2008).

A narrativa é uma ferramenta muito poderosa, pois a partir dela, podemos compartilhar as aprendizagens que ocorrem nos encontros de Educação Física. A narrativa é poderosa, pois ela pode ser trabalhada coletivamente, tanto que sua

produção e absorção são feitas no coletivo (Fernandes, 2019). “As histórias não eram somente lidas e ouvidas, mas escutadas e seguidas e faziam parte de uma formação válida para toda a coletividade” (Fernandes, 2019).

É de extrema importância narrar as nossas histórias, pois, através das narrativas, podemos contar as nossas histórias. As narrativas são um momento para compartilhar, desabafar e assim passar nossa experiência adiante (Fernandes, 2019).

6. METODOLOGIA

A pesquisa no âmbito educacional é essencial, pois através desta prática, podemos compartilhar nossa realidade e criar ferramentas que possam facilitar os obstáculos que ocorrem cotidianamente no espaço escolar (Araújo; Cardoso, 2022).

Como professor pesquisador, sou mergulhado em uma intensa reflexão pedagógica e crítica. Através da pesquisa, vou aprimorando este “ser professor” e um olhar atento aos ruídos que podem ocorrer na escola. “Mediante atividades de pesquisa, o professor passa a revestir-se dela como instrumento essencial para a melhoria da qualidade da aprendizagem” (Araújo; Cardoso, 2002, p.23).

A escola é um espaço tão rico para diversas produções - projetos de ensino, Projeto Político Pedagógico, pesquisa e outros - que precisam ser compartilhados e questionados. Uma pesquisa realizada no chão da escola possibilita uma profunda discussão sobre um determinado tema, neste caso, a experiência das crianças e a importância da narrativa para captar e compreender o que passa na escola, na comunidade e no tempo.

Uma pesquisa qualitativa baseada nos ideais da fenomenologia tem a característica de analisar o processo experimentado pelo sujeito. A fenomenologia tem preocupação em descrever o fenômeno, o olhar da fenomenologia considera as reações humanas como algo complexo (Martins; Boemer; Ferraz, 1990).

A fenomenologia preocupa-se com os fenômenos, mas o que seria isso? “Fenômeno é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga” (Martins; Boemer; Ferraz, 1990, p.141). A forma de registro que será feita nesta pesquisa se aproxima das leituras que tenho feito no campo da fenomenologia.

Segundo Pesce e Abreu (2010), as pesquisas baseadas na fenomenologia tendem a analisar os relatos e descrições das experiências, e como usarei a narrativa como “ferramenta” para registrar os relatos das crianças, a fenomenologia será crucial para desenvolver uma base sólida de pesquisa. Devo frisar que, em uma pesquisa qualitativa, principalmente uma pesquisa que analisa os registros das crianças, sempre trabalharemos com suposições. Além disso, a fenomenologia trabalha com o conceito de “essência”, um espaço onde a experiência, emoções e pensamentos podem ser estudados (Pesce; Abreu, 2010).

O investigador fenomenológico busca ir além das aparências e se aproximar,

tanto quanto possível, da essência do fenômeno, por meio da apreensão do fenômeno de segunda mão: os relatos dos sujeitos de pesquisa (Pesce; Abreu, 2010, p.23).

A proposta do processo narrativo atrelado à investigação da fenomenologia possibilita trilhar caminhos que ainda não foram explorados por mim, além disso, o fenômeno que irá ocorrer poderá se desdobrar em novas pesquisas.

Já a pesquisa colaborativa é uma metodologia baseada na colaboração entre pesquisadores, com o intuito de construir um conhecimento ligado ao ensino. Esta metodologia tem a característica de contribuir e explorar novos caminhos no campo investigado. A pesquisa colaborativa possui uma grande força investigativa. Como pesquisador e professor nos primeiros anos de minha carreira docente, acompanharei uma professora que trabalha com o registro das crianças, o que poderá permitir um processo de aprendizagem. Da mesma forma, poderei contribuir com novos *insights* na narrativa.

[...] o projeto de colaboração põe o pesquisador em situação de co-construção com os docentes, podendo ser visto simultaneamente como uma atividade de pesquisa e de formação (Desgagné, 2007, p.14).

Aprofundando minha leitura sobre este tema, percebo que será um processo de grande desenvolvimento profissional para mim. Essa troca de experiências, diálogos e perspectivas poderá permitir que eu enxergue a narrativa, a escola e os elementos que me tornaram professor com novos olhos. A minha vontade era fazer a pesquisa no local em que atuo, mas devido aos tensionamentos que ocorrem lá, aceitei a ideia do meu orientador para que a pesquisa ocorresse no Centro Pedagógico. Por ser um local onde ocorrem muitas pesquisas e as famílias já estão habituadas com o processo de pesquisa, seria mais fácil para mim realizar a pesquisa lá, já que na minha escola nunca houve movimentos de pesquisa em um curso de pós-graduação. Eu aceitei o convite e fiquei entusiasmado em saber que a professora que irei acompanhar tem uma trajetória com as narrativas das crianças. Estarei acompanhando uma professora que já vem trabalhando com os registros de diversos estilos: desenhos, fotos, falas e outros. Como meu objetivo é trabalhar com a narrativa e esta docente já tem um histórico de registrar as aprendizagens dos estudantes, a investigação será baseada na compreensão da construção e interação entre docente e pesquisador. "O interesse é compreender, sobretudo, as maneiras como a 'competência de ator em situação' é exercida" (Desgagné, 2007, p.12).

Este trabalho metodológico tem como percurso uma pesquisa de campo no Centro Pedagógico da UFMG. Uma escola de ensino fundamental do 1º ao 9º ano em tempo integral. O processo de registro seguirá da seguinte forma: toda sexta-feira, acompanharei as crianças em suas aulas de Educação Física da turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Durante esses encontros, em um caderno, farei anotações das minhas observações no campo, conversas com crianças e professora acerca das suas experiências na Educação Física. Tenho como perspectiva na pesquisa de campo realizar o registro de imagens e vídeos das aulas. Por fim, pretendo propor e/ou analisar registros de desenhos feitos pelas crianças. Nesse sentido, por se tratar de uma pesquisa colaborativa, estes registros serão pensados a partir do que a professora já desenvolve com a turma, que em uma conversa com a mesma de maneira informal me relatou ser um processo de avaliação das aprendizagens vivenciadas nas aulas. Após a coleta de dados, os registros narrativos das crianças serão organizados e buscarei, por meio da entrevista semiestruturada, compreender por meio das crianças o que elas dizem sobre os registros. Para analisar os desenhos criados pelas crianças, baseei-me em quatro pilares:

1. Estudo dos documentos norteadores que regem a Educação Física no Centro Pedagógico, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), o projeto de ensino relacionado à Festa Junina e outros documentos;
2. Visitas ao Centro Pedagógico;
3. Entrevistas com as crianças.
4. Entrevista com a Professora de Educação Física

Para compreender a festa junina do Centro Pedagógico, busquei analisar um documento que orientava os professores na organização do evento. Essa leitura foi essencial, pois, ao chegar ao campo de pesquisa, iniciava os ensaios dos estudantes, me senti um pouco perdido em meio a tudo que estava acontecendo e a leitura possibilitou compreender o que ocorria ali.

O documento era um projeto de ensino que detalhava a justificativa, os objetivos gerais e específicos. Como objetivo geral, temos:

Possibilitar que a comunidade escolar (docentes, discentes, funcionários, monitores, estagiários, familiares, convidados) compartilhem e expressem o Brincar presente nos festejos juninos e julinos do país, através principalmente das danças e brincadeiras da cultura popular (Projeto CP, 2024, p.2).

Ao compreender a origem, a organização e as referências que norteavam a Comissão Organizadora da Festa Junina, ao ler o projeto da festa junina, constatei que o Centro Pedagógico vem desenvolvendo diversas formas de vivenciar a cultura popular. Cabe ressaltar que essa pesquisa foi submetida ao NAPQ do Centro Pedagógico, a fim de seguir criteriosamente todas as questões éticas que envolvem a participação das crianças e da professora na produção de dados.

7. ANÁLISE DE DADOS

Cada vez mais, o processo artístico das crianças me impacta. Fico refletindo, às vezes, sobre as produções que elas fazem: *Como ele pensou nisso? De onde veio essa fala? Uau! Que incrível!* Todos esses sentimentos que experimento são fruto do poder dos desenhos. Ao escrever este capítulo, estou rememorando minha pesquisa de campo. Ao ver as fotos dos desenhos produzidos pelas crianças em julho, percebo que ainda sou impactado por essas produções. Ao me permitir ser impactado pelos desenhos das crianças, cada produção artística ganha uma nova vida; esses desenhos têm uma vida longa! As provocações que podem surgir permanecem para quem as vê (Gobbi, 2022).

Ao longo dos meses de junho e julho, as crianças participaram de brincadeiras enquanto eram organizados os ensaios. As atividades tinham como objetivos: 1) Promover a transmissão de brincadeiras e danças, visando à preservação de valores e conhecimentos culturais, 2) Estimular a compreensão da riqueza cultural que as brincadeiras e danças podem gerar, 3) Envolver as crianças por meio de brincadeiras que utilizam a oralidade, 4) Trabalhar o senso coletivo através das brincadeiras e 5) Permitir a participação de crianças de diversas idades nas danças (CENTRO PEDAGÓGICO, 2024).

Durante minha inserção no projeto, observei algumas situações interessantes: no item 3, presenciei uma brincadeira de pega-pega que incluía um enredo cultural. Ao fundo, era contada a história do *Bumba Meu Boi*, o que enriquecia a atividade e promovia a conexão das crianças com essa tradição.

Figura 1 - Crianças brincando de Pega-Pega



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

No item 5, notei como a diversidade etária das crianças era respeitada. A professora atendia aos interesses dos estudantes, permitindo-lhes dançar ao som do *Ritmo Quente*. Essa dança é um marco no Centro Pedagógico, atraindo estudantes de várias idades. Quando a professora colocava a música, crianças de diferentes turmas surgiam espontaneamente para dançar. As crianças que estavam andando no corredor ouviam a música e ali ficavam dançando. Em outros momentos, os estudantes mais velhos pediam emprestada a caixa de som da professora para continuarem dançando essa dança de forma independente.

Figura 2 - Várias crianças dançando o Ritmo Quente



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Após as brincadeiras, as crianças ensaiavam danças tradicionais como *O Caranguejinho*, *O Pezinho* e *O Pau de Fitas*. Dentre elas, *O Pau de Fitas* foi especialmente marcante, gerando diversos registros e despertando grande interesse por parte das crianças.

No final do projeto, foi produzido um registro por meio de desenhos, o que é extremamente importante. Mas por que registrar? O registro é essencial para que a criança compreenda o que foi feito, promovendo sua conscientização sobre as atividades realizadas. O desenho, em particular, é uma ferramenta poderosa, pois permite que a criança expresse os sentidos e significados das práticas vivenciadas. Em relação à parte escrita, as perguntas serão elaboradas de maneira a estimular respostas tanto objetivas quanto subjetivas. A escrita objetiva busca compreender os aspectos concretos do aprendizado, enquanto a escrita subjetiva explora os sentimentos, percepções e interpretações individuais da criança.

Com base nesses elementos, nós, como professores, podemos avaliar o que as crianças aprenderam e identificar quais aspectos tiveram maior significado para elas. É por isso que veremos desenhos tão variados. Mesmo que muitos estejam relacionados ao Pau-de-Fitas, cada um terá algo único, refletindo a experiência singular de cada criança. Ao analisar os desenhos das crianças, elas retratam com fidelidade os acontecimentos e aprendizados.

A professora organizou a dança em três etapas: a Dança do Pezinho, a do Caranguejinho e, por fim, a do Pau de Fitas. Durante a Dança do Pau de Fitas, os estudantes formavam duplas fixas para algumas coreografias. O interessante é que Bruce retratou isso em seu desenho, incluindo sua dupla de ensaio e adicionando a amiga.

Todos os desenhos produzidos pela turma do Terceiro Ano B tinham algo em comum: estavam ligados à experiência, aos sentimentos gerados durante uma aula de Educação Física e ao conhecimento adquirido ao participar das aulas (Staccioli, 2011).

Durante a produção dos desenhos, as crianças andavam livremente pela sala, conversavam com seus colegas e compartilhavam seus desenhos. Todo esse processo gera um estímulo que pode ou não ser explorado pela criança, conduzindo a novos caminhos a serem descobertos (Staccioli, 2011).

Figura 3 - Crianças produzindo os seus registros



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

As produções das crianças contêm traços variados: às vezes são grossos, outras vezes finos; em outros momentos, são preenchidos com cores e diversos rabiscos. Cada produção é única, e todos os desenhos trazem pistas da subjetividade da criança, como podemos ver nos exemplos apresentados neste capítulo.

Existe uma ideia de que a produção artística deve ter linhas perfeitas e ser realista, como vemos em museus, mas não devemos nos limitar a esse caminho. “Suas linhas e traços passam a compor uma infinita gama de possibilidades de compreensão” (Gobbi, 2022, p. 47). Gobbi (2022) nos ajuda a compreender o conceito de desenho. O desenho é uma manifestação expressiva da criança e, a partir de seus traços, produzimos um produto que tem a capacidade de (re)transformar, transmitir informações, revelar e expressar o mundo infantil. “O desenho é um patrimônio da produção das crianças” (Gobbi, 2022, p. 54).

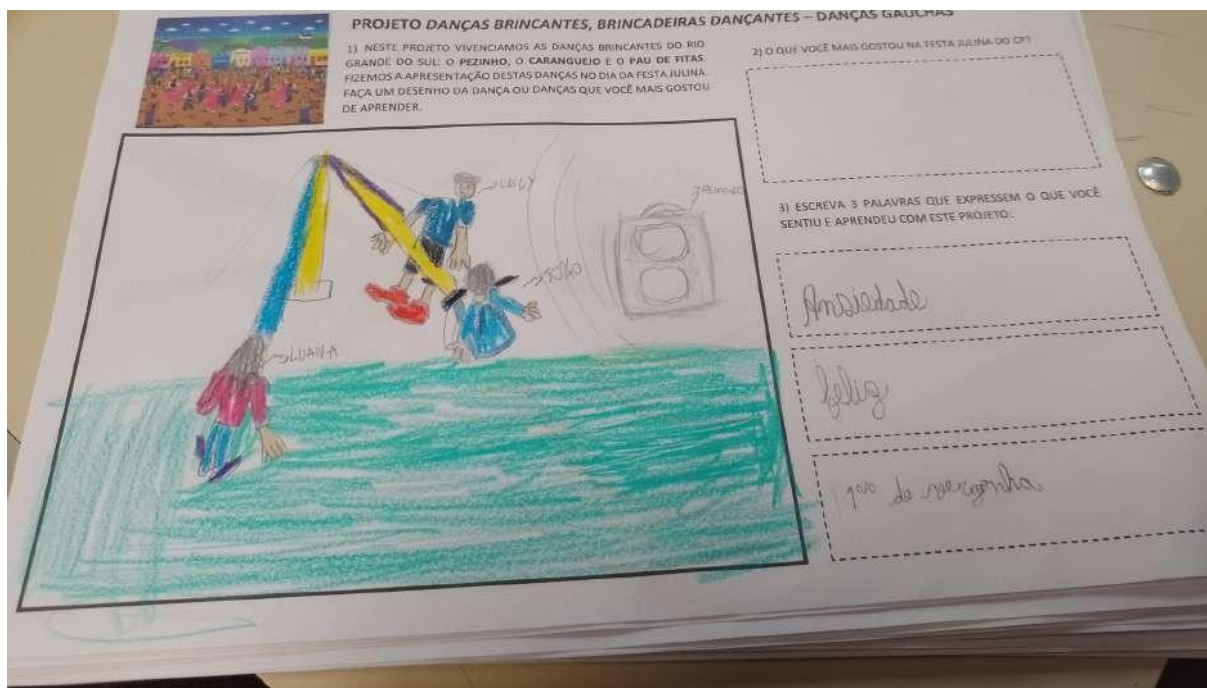
7.1 Desenho do Bruce

Figura 4 - Ensaio do Pau de Fitas



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Figura 5 - Desenho do Bruce



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

A primeira imagem foi tirada durante o ensaio da Festa Junina, e a segunda foto é uma produção do estudante Bruce. Na primeira foto, podemos observar a disposição dos estudantes durante a Dança do Pau de Fitas. Ao analisarmos a produção do Bruce, vemos sua visão e posicionamento durante o ensaio. O desenho apresenta grande complexidade, que requer sensibilidade por parte do adulto para ser compreendido; a visão e a escuta devem estar “afiadas”, e o diálogo é essencial para a compreensão (Carvalho; Bertasi, 2022). Por isso, é fundamental o diálogo que estabeleci com as crianças.

Ao nos depararmos com palavras como “ansiedade”, “nervosismo” e outras expressões usadas por várias crianças na atividade, somos apresentados aos sentimentos e emoções: “Assim, as emoções sentidas pelas crianças durante a produção de seus desenhos muitas vezes são compartilhadas através de suas narrações” (Carvalho; Bertasi, 2022, p. 263). Durante a produção dos desenhos, muitas crianças mencionaram a palavra “ansiedade”. Será que foram influenciadas pelo filme *Divertidamente 2*, que estava em cartaz nos cinemas?

Durante as explicações da Professora sobre a função dos dois estagiários a Professora fala que eles estavam preparando uma surpresa para os meninos(as). E um estudante fala: - Agora a ansiedade do divertidamente está na minha cabeça (Caderno de Campo, 2024).

A professora comenta sobre o GTD³ (Grupo de Trabalho Diferenciado), que naquele ano foi trabalhado o “Afeto”. O GTD possibilita uma construção coletiva, as crianças são incentivadas a participar do processo. E a partir deste movimento surge o livro “Emocionário”. “Emocionário é um livro que ajuda na compreensão dos sentimentos, um dicionário que trata sobre as emoções e as expressões que o sentimento traz. Devo salientar que a turma que eu acompanhei durante a produção dos desenhos tinha acabado de fechar o GTD sobre o Afeto, por isso surgem diversos sentimentos intensificados nos desenhos e por isso surgem tantos desenhos provocativos. Outro ponto a ser observado é que muitos sentimentos que as crianças escreveram na avaliação estão no livro Emocionário. Outro ponto importante para ser destacado é a sensibilidade e a confiança que a professora traz.

Durante uma entrevista, eu comento sobre as minhas observações que tive sobre a professora ao longo do curso da Pós-Graduação e durante a minha inserção como pesquisador no centro pedagógico. A professora tem uma sensibilidade aflorada, ela consegue contagiar as pessoas ao seu redor. Ela comenta que isso ocorre pelo movimento que ela faz de conhecer a si mesma e, através disso, ocorre uma outra relação de ensino-aprendizagem.

³ O Grupo de Trabalho Diferenciado surgiu em julho de 2001, como momento pedagógico flexível, voltado para o desenvolvimento do/a educando/a. É um período planejado para a formação de grupos, nos quais os/as estudantes poderão avançar quanto ao seu desenvolvimento, explorando aptidões, interesses comuns e outros aspectos sugeridos pela equipe de professores (PPP-CP, p.136-137, 2022).

Figura 6 - Resolução de conflitos



Legenda: Professora resolvendo um conflito durante uma aula de Educação Física.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Acho fantástico a riqueza de detalhes no desenho do Bruce, com os desenhos imitando a onda sonora. A forma como as fitas estão entrelaçadas e a posição circular em que se encontram mostram que a Dança de Fitas os impactou. As diversas cores presentes na dança indicam como ocorre a dança do Pau de Fitas.

Feliz é uma palavra que está no livro Emocionário, segundo o livro:

A felicidade é diferente para cada pessoa. Ficamos felizes quando usamos nossos talentos e habilidades para realizar coisas em que somos bons ou que gostamos de fazer (Pereira, 2018, p.24).

Núñez Pereira (2018) traz elementos que nos auxiliam a compreender a Felicidade, segundo a autora a felicidade poderá ser encontrada em atividades diversas, um exemplo é a dança que o Bruce teve a oportunidade de experimentar. Quando nos permitimos, nos abrimos para uma experiência a nossa felicidade surgirá (Núñez Pereira, 2018).

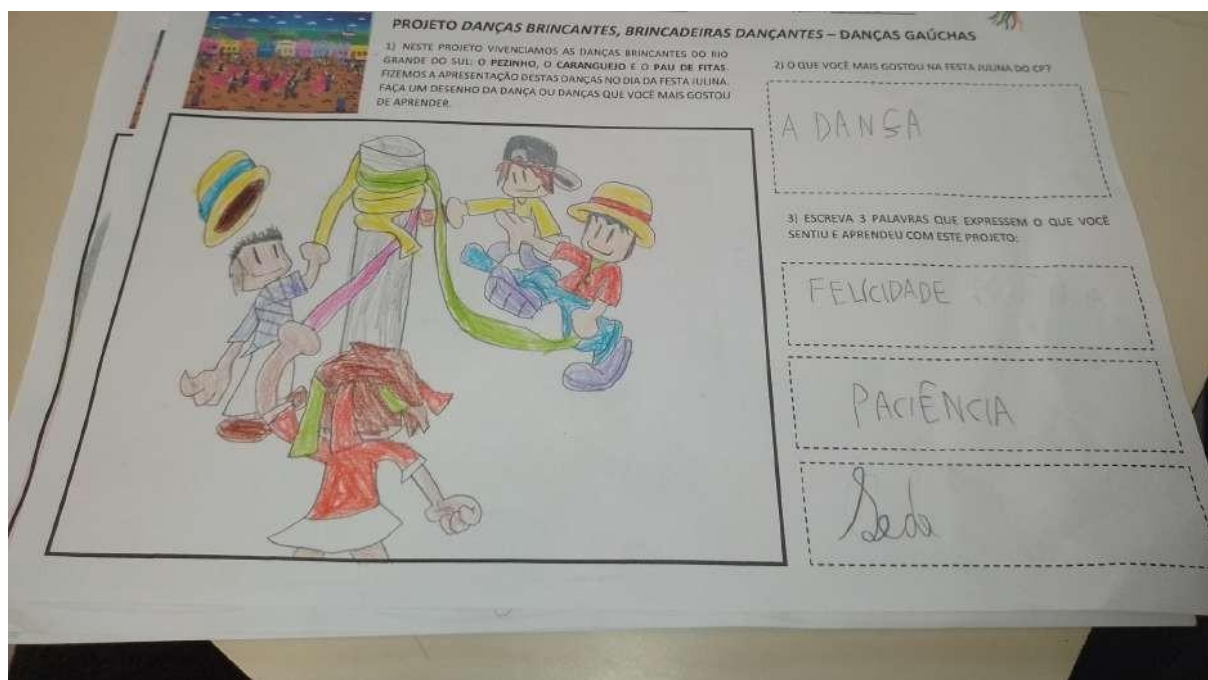
7.2 Desenho do Dave

Figura 7 - Ensaio da Festa Junina



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Figura 8 - Desenho do Dave



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Cada desenho é composto por traços únicos, mas entre todos, o desenho do Dave foi o que mais me impactou. Durante a entrevista, Dave me contou que, no Pau de Fitas, participam dois amigos e uma amiga dele.

Em um momento da conversa, ele mencionou que o chapéu de um de seus amigos caiu durante a apresentação, algo bastante comum nas festas juninas. Sempre há um chapéu caindo e crianças correndo atrás do objeto. Olhe como ele representou o chapéu “caindo”! É impressionante o olhar atento que Dave teve para esse detalhe. Será que os adultos tiveram a mesma percepção? Conseguiram notar

o chapéu caindo durante a apresentação?

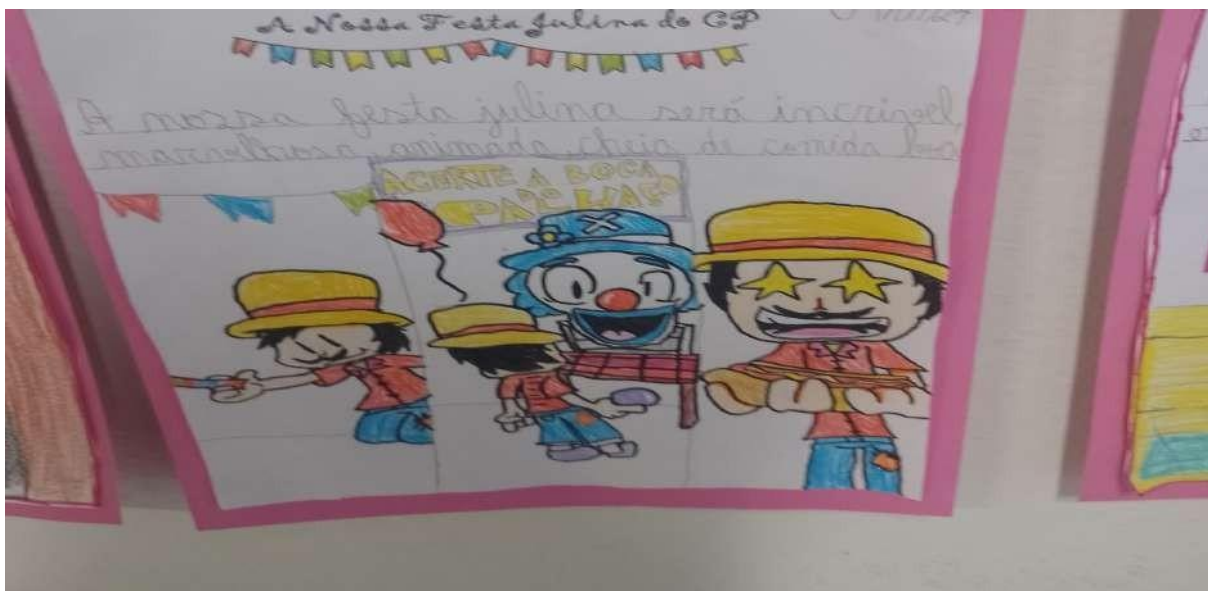
Para Dave, a dança do Pau de Fitas foi a mais marcante. Será que a sensibilidade da professora e o cuidado da Comissão Organizadora da Festa Junina contribuíram para isso? Minha experiência como professor e os relatos de outros colegas mostram que a sensibilidade realmente causa impactos positivos. Durante o período de um mês em que estive inserido no centro pedagógico, sempre que um ritmo animado tocava, alunos de várias idades apareciam espontaneamente para dançar.

Quando perguntei a ele por que escolheu a palavra "Sede" em sua avaliação, a resposta foi:

– Eu dancei e cansei muito.

Como afirma Staciolli (2011, p. 29): "São os estilos pessoais que tornam ainda mais difícil (e interessante) a leitura de um desenho." Fico me perguntando se o anime *One Piece* foi uma referência para Dave, pois em outro desenho exposto na sala, algumas alusões a *One Piece* podiam ser observadas.

Figura 9 - Outro desenho do Dave



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Este desenho foi produzido em outro momento, por outra professora e em um contexto diferente, mas ele traz elementos que intensificam minha pesquisa sobre o desenho infantil e as reflexões que tenho realizado.

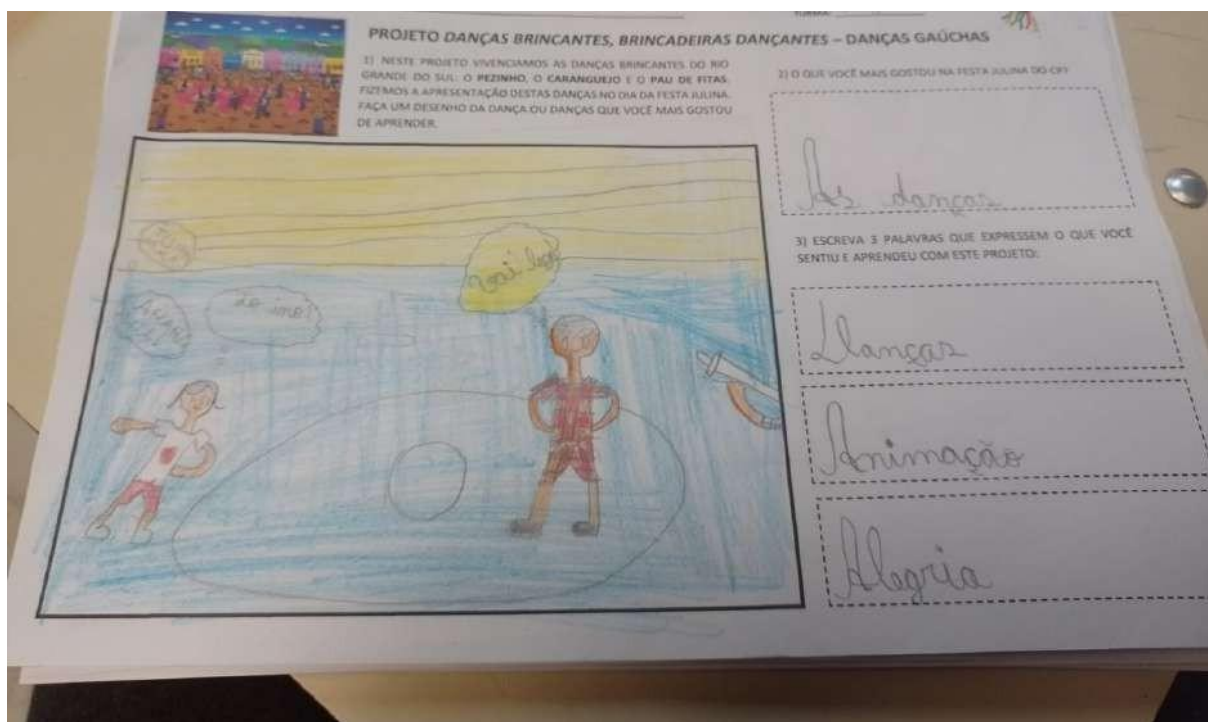
Será que esses rostos quadrados são inspirados em jogos como *Minecraft*⁴ e *Roblox*? Essa pergunta surge enquanto analiso os desenhos. A fenomenologia oferece elementos que podem me ajudar a encontrar algumas respostas. A observação que realizei no Centro Pedagógico foi crucial para compreender essas produções. Toda sexta-feira, eu estava no colégio, me encontrando e conversando com as crianças, além de observar suas inúmeras criações.

Machado (2010) já ressaltava a importância de estar a par da vida das crianças. Ao trazer um olhar mais apurado, sensível e livre de julgamentos, consigo perceber outros elementos e escutar "ruídos" que não são facilmente captados.

Podemos ver mais uma vez a palavra Felicidade surgindo e podemos observar o quão impactante foi o GTD sobre o Afeto.

7.3 Desenho do Adrian

Figura 10 - Desenho do Adrian



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

A fenomenologia tem sido essencial para compreender os desenhos das

⁴ Minecraft e Roblox são jogos eletrônicos sandbox, contêm diversos objetivos, como: sobrevivência, construções de objetos ou até mesmo duelo entre os jogadores.

crianças. Machado (2010) ressalta a importância do desenho tanto para a criança quanto para o adulto, pois o desenho é uma forma de linguagem que expressa como a criança se percebe no mundo.

Observe que, neste desenho, há um braço carregando um objeto branco. Esse objeto é o poste que sustentava as fitas, e quem o está carregando é o professor de Educação Física. Isso ocorreu porque o Pau de Fitas não estava montado durante a apresentação, e eles precisaram esperar a montagem para continuar a dança.

Questionei a criança sobre o motivo de ela ter escrito "Vai logo!" no desenho. Ela respondeu que as pessoas estavam atrasadas. Há vários elementos acontecendo, e eles são comunicados por meio do desenho. Segundo Machado (2010), ao desenhar, a criança consegue expressar sua visão do mundo e o lugar que ocupa nele. A criança vive o mundo de forma intensa, e essa intensidade se reflete em seus desenhos.

As percepções das crianças sobre o que as rodeia são moldadas por suas experiências: o que enxergam, ouvem e sentem. Como professor, é fundamental compreender como todos esses estímulos influenciam e moldam o sujeito. Machado (2010) nos lembra da importância de adotar um olhar atento e sensível para captar essas dimensões presentes no universo infantil.

7.4 Desenho da Dana

Figura 11 - Ensaio a todo vapor!



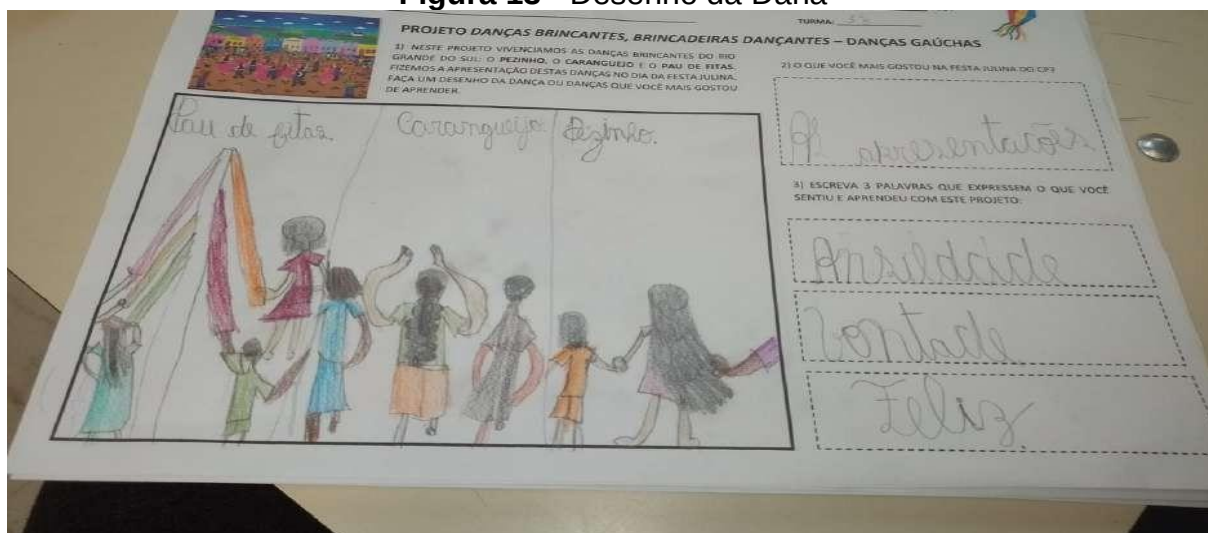
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Figura 12 - Ensaio do Pezinho



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Figura 13 - Desenho da Dana



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Dana apresenta um desenho muito especial, que retrata os três momentos da apresentação da festa julina. O mais interessante é que, ao analisarmos o desenho

da direita para a esquerda, percebemos que a estudante organiza uma sequência lógica dos eventos que compuseram a apresentação. Isso demonstra sua capacidade incrível de relatar o ocorrido de maneira visual e detalhada (Staciolli, 2011).

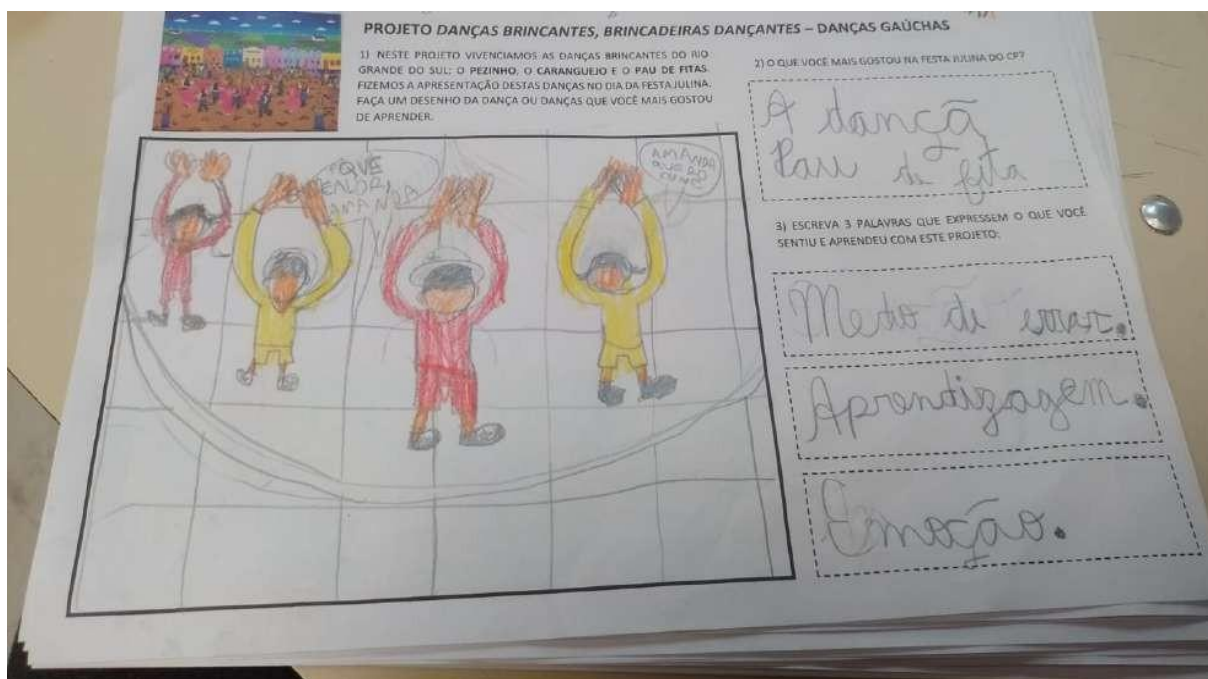
Esse desenho também nos oferece uma oportunidade valiosa de compreender quem é Dana. Por meio de sua obra, podemos analisar sua sensibilidade, sua percepção sobre os acontecimentos ao seu redor e até aspectos de sua sociabilidade.

Mais uma vez, observamos a palavra "ansiedade" surgir no contexto infantil, evidenciando os frutos do trabalho realizado pela professora. Enquanto professor de Educação Física, percebo que desenhos como o de Dana são ferramentas riquíssimas para entender a cultura em que a criança está inserida. Eles também ajudam a interpretar como as relações entre as crianças estão sendo construídas. Muitas vezes, esses desenhos revelam expressões e sentimentos que não são facilmente captados pelos adultos no cotidiano (Gobbi, 2012).

A palavra Vontade aparece nos registros, mais uma vez, podemos ver o quão significativo foi o GTD do "Afeto", o "Emocionário" traz diversos sentimentos para serem abordados.

7.5 Desenho do Nicko

Figura 14 - Desenho do Nicko



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

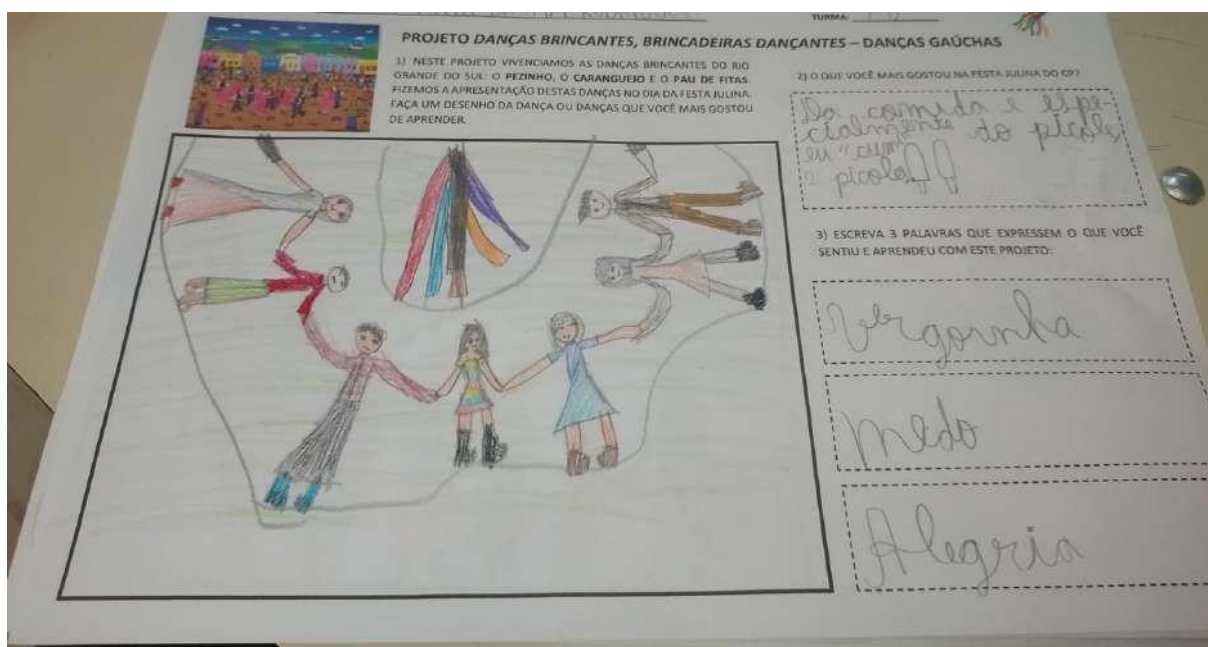
O desenho representa a dança do caranguejo ou do pezinho, embora o estudante tenha ficado em dúvida sobre qual era a coreografia. Esse movimento é interessante, pois nem sempre o estudante consegue explicar os acontecimentos (Staccioli, 2011). Quando questionado sobre o desenho, a dificuldade em retratar o que está ocorrendo pode surgir porque, ao desenhar, a criança parte de uma ideia inicial, mas essa ideia pode mudar a partir de sugestões de colegas ou professores, de inspiração ao observar o desenho de um colega ou de outros suportes inspiradores (Staccioli, 2011; Gobbi, 2012).

Durante a produção dos desenhos, as crianças tinham liberdade para andar pela sala, observar os desenhos dos colegas e conversar com professores e colegas. Todo esse movimento contribuiu para enriquecer as produções, já que um ambiente lúdico e espontâneo é uma ferramenta poderosa para promover a criatividade nos desenhos (Staccioli, 2011).

Nesse desenho, surgem algumas metáforas. Esse tipo de movimento permite que o desenho ganhe novos esboços e formas que podem surpreender os adultos, nem sempre proporcionando respostas claras (Staccioli, 2011).

7.6 Desenho da Ellen

Figura 15 - Produção artística da Ellen



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

O desenho representa a parte final da apresentação, onde os estudantes agradeciam ao público. O mais interessante é a forma como os estudantes estão dispostos. A professora pediu que, no encerramento, eles ficassem de frente para o público em forma de roda e agradecessem. Ela mesma seguiu exatamente as orientações que havia recebido.

Durante um diálogo rico, Ellen trouxe uma explicação sobre o desenho: **Ellen:** *“Aí parece que eles estão, assim, deitados no chão”* (Caderno de Campo, 2024).

Ellen destacou a palavra "medo" e, ao dialogar comigo, explicou que tinha receio de errar durante a apresentação e temia que as fitas pudessem embolar. A palavra "medo" é abordada no livro *Emocionário*, que afirma: *"O medo surge quando você acredita que vai sofrer algum tipo de dano"* (Núñez Pereira, 2018, p. 44).

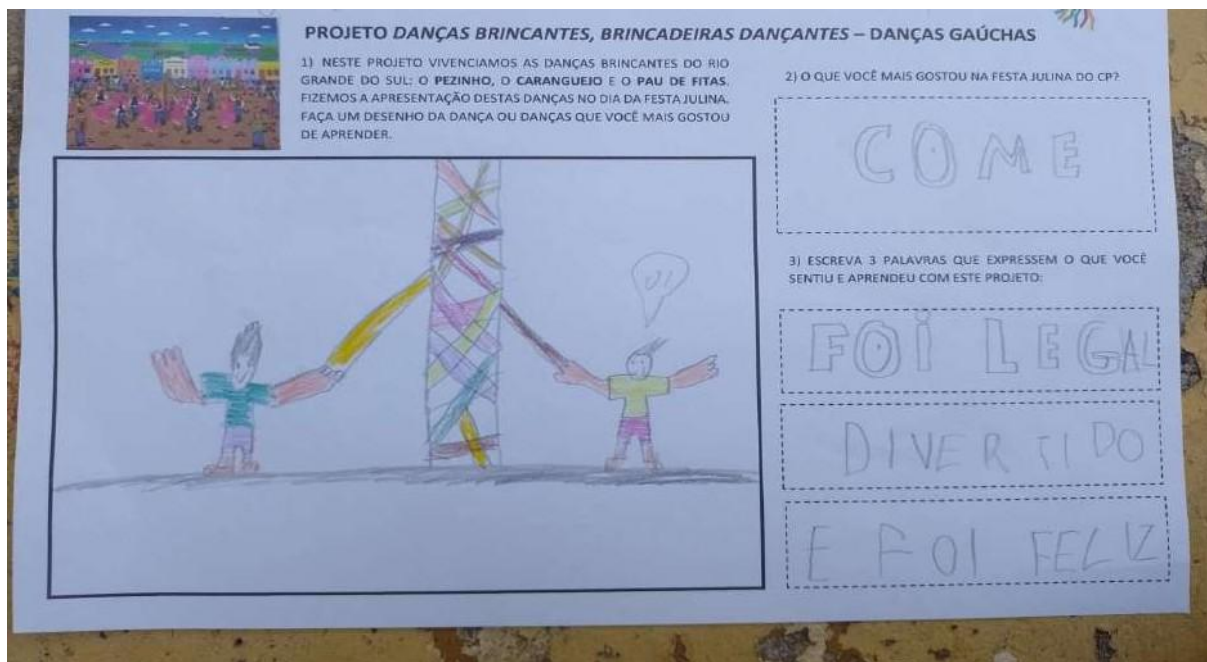
A "vergonha" também apareceu em sua avaliação. Ellen comentou comigo que sente vergonha de tudo. A palavra "vergonha" surgiu em seu desenho, mas qual seria seu significado? O quanto o livro *Emocionário*, além dos curtas e filmes apresentados no GTD sobre o afeto, ampliaram o conhecimento dessa criança? Segundo o *Emocionário*, vergonha é definida como: *"Quando sabemos que fizemos algo de errado ou quando achamos que vão zombar da gente"* (Núñez Pereira, 2018, p. 36).

Outro aspecto importante é que esse sentimento pode ser negativo e difícil de expressar. Por que Ellen escolheu compartilhar isso? Talvez porque a professora de Educação Física tenha criado um espaço seguro para as crianças falarem abertamente sobre suas emoções.

Mais uma vez, o projeto da professora sobre emoções se destaca, revelando desdobramentos profundos. Trabalhar com as emoções, especialmente após o impacto da pandemia, pode trazer benefícios como maior sensibilidade ao outro, autoconhecimento e a capacidade de nos deixarmos afetar pelas emoções, o que pode enriquecer nossas vivências e relações.

7.7 Desenho do Janick

Figura 16 - Produção Artística do Janick



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Mais uma vez, o Pau de Fitas é colocado, e, mais uma vez, há várias cores de fitas. Lembro-me de que, durante os ensaios, as crianças "brigavam" para escolher suas cores favoritas. A riqueza das cores dá ao desenho uma nova roupagem. Todos os desenhos têm algo interessante: o formato de seus corpos.

Eles não seguem o modelo "tradicional" de gravetos. Durante uma orientação, meu orientador comentou que os professores incentivam os estudantes a elaborarem os desenhos com as mais ricas possibilidades vivenciadas: os espaços, os objetos e os corpos. Essa orientação abre novos caminhos e possibilidades:

Se durante a elaboração do desenho, um signo gráfico, uma cor, um estímulo externo, oferecem-lhe uma sugestão diferente, eles podem tornar-se um caminho a ser percorrido, uma pista a ser explorada, um itinerário para um novo prazer e uma "diversão" (Staccioli, 2011, p.23).

Os corpos são repletos de informações. Cada desenho das crianças apresenta algo marcante: as cores, os tamanhos dos braços e o formato do tronco. Para que surja um desenho rico em detalhes, é fundamental que o prazer e a diversão estejam presentes, pois esses elementos intensificam a experiência das crianças (Staccioli, 2011).

Quando utilizamos a palavra "divertido", podemos analisar o quanto a

experiência foi rica para a criança. Isso indica que, naquele momento, ocorreu uma vivência positiva e uma produção significativa para ela. Mais uma vez, podemos destacar o quanto o GTD do afeto, produzido pela professora e combinado com uma característica dela, gera uma riqueza de detalhes sobre os sentimentos e promove uma compreensão profunda sobre as emoções transmitidas.

O estudante comenta que o que ele mais gostou da Festa Junina foi a comida. A experiência de experimentar algo novo é muito importante, pois nos permite conhecer culturas por meio da gastronomia. Esse tipo de vivência pode criar boas memórias, que poderão ser lembradas ao longo da vida.

8. CONCLUSÃO

Estou encerrando um ciclo e abrindo novos caminhos com uma produção que desenvolvi e da qual tenho muito orgulho. Durante um ano e meio, dediquei-me a este trabalho, enfrentando muitos desafios. Além de ler e escrever, precisei conciliar o trabalho, as aulas noturnas e outros problemas que surgiram ao longo do caminho. Não é nada fácil para mim desenvolver uma escrita acadêmica. Muitas vezes, minha escrita tende a adotar um tom mais sentimental e sensível, o que nem sempre é compreendido por todos.

Esta conclusão não se limita a este texto, mas também reflete minha jornada no curso de pós-graduação que estou finalizando. Após muitos anos, estou realizando o sonho de concluir uma pós-graduação, que abriu novas portas e caminhos para mim.

Ainda carrego muitas incertezas em relação a este trabalho. Ao longo da produção, surgiram diversos questionamentos e incômodos que ainda me acompanham, mas acredito que, em algum momento, eles encontrarão respostas.

Por muitos anos, venho trabalhando com o processo narrativo. Meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação na PUC foi sobre esse tema, e agora, meu TCC na pós-graduação também se desenvolve a partir dele. Mais uma vez, a narrativa me acompanha, e tenho muito orgulho do conhecimento adquirido ao longo dos anos sobre essa temática. Minha compreensão da narrativa evoluiu muito recentemente. Tenho explorado novos olhares e formatos, percebendo que a narrativa pode ser mais aberta, impactante e sensível.

Algo que me surpreendeu foi descobrir o quão rica pode ser a utilização de desenhos na narrativa. Antes, eu a desenvolvia apenas por meio da escrita ou da oralidade. No entanto, devido às dificuldades enfrentadas nos últimos anos, percebi que a narrativa por meio de desenhos captura sutilezas que outras formas de expressão não alcançam.

Minha trajetória recente foi intensa e transformadora. Em um curto período, vivi momentos incríveis. Conheci novas formas de sensibilizar, de abrir meu coração e de dialogar. A narrativa, com sua força, sensibiliza profundamente quem a vivencia. Nesse tempo, tive o privilégio de acompanhar uma professora inspiradora, cuja energia contagia todos ao redor. A narrativa me tornou um professor mais sensível, e compartilhar essa visão com uma colega de trabalho que segue o mesmo movimento

é extremamente gratificante.

Durante minha trajetória como professor-pesquisador, dialoguei com uma professora experiente na utilização de desenhos. Seus conselhos foram valiosos e me deram coragem para mergulhar nesse universo, utilizando os desenhos como forma de avaliação. Esse compartilhamento de experiências reafirmou que estou no caminho certo. Ser um professor que valoriza a sensibilidade é essencial nos tempos atuais. Criar um espaço em que os estudantes se sintam ouvidos transforma a relação entre professor e aluno.

Estudar os desenhos como uma forma de expressão e compreensão das experiências me ajudou a enxergar as crianças nas aulas de Educação Física de maneira mais sensível. Essa abordagem permite ajudar os estudantes a superar seus medos e a se tornarem mais compreensivos e empáticos consigo mesmos e com os colegas.

Os pontos mais importantes foram descobrir o quanto o processo narrativo pode contribuir com elementos para refletirmos sobre nossas práticas, compreender os impactos daquele conteúdo para as crianças e identificar as dificuldades que elas enfrentam ao realizar determinados movimentos.

Uma coisa que ficou evidente foi o caráter enriquecedor da proposta do GTD sobre os sentimentos. Quando a professora de Educação Física propõe uma discussão sobre nossos sentimentos, ela cria um círculo de confiança no qual as crianças se sentem à vontade para abrir seus corações. Isso potencializa as narrativas, tanto que observamos algumas crianças mencionando palavras como 'medo' e 'vergonha'. Criar um espaço de confiança entre estudantes e professores é fundamental para enriquecer o registro dos acontecimentos que ocorrem em nossas aulas.

Criamos expectativas muito grandes em relação aos desenhos das crianças, mas nem sempre tudo segue conforme o planejado. O processo de transcrever sentimentos nem sempre é fácil, pois as crianças enfrentam muitas dificuldades para expressar o que está ocorrendo no papel (Staccioli, 2011). Fico me perguntando: como seriam esses desenhos sem a proposta do GTD sobre os sentimentos? Quais palavras teriam surgido?

Os desenhos também me transformaram enquanto professor-pesquisador. Compreender as produções e as falas das crianças exige sensibilidade e abertura do coração. Esse movimento não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também

nos ajuda a conhecer melhor a nós mesmos.

O trabalho trouxe novas perspectivas sobre a potencialidade da narrativa, sobre a experiência e sobre os sentimentos. Atualmente, estou enfrentando diversos desafios que estão impactando negativamente minha atuação, mas, graças ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar e à elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, estou conseguindo superar gradualmente as barreiras que estão sendo impostas a mim.

O processo de escuta das crianças sempre será gratificante. A troca de experiências que tive com a professora foi extremamente enriquecedora. Os elementos que ela trouxe sobre o Emocinário permitiram expandir minha percepção sobre a narrativa e a importância de escutar as crianças com maior sensibilidade. Sua experiência com esses registros me fez compreender as potencialidades dos desenhos.

A elaboração deste texto será um marco de extrema importância para minha carreira como docente. Espero que, ao final do ano, consiga trilhar novos rumos com a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso. Esse processo fez com que eu enxergasse a escola com uma maior percepção, ouvindo e sentindo ruídos que não eram perceptíveis anteriormente.

Este trabalho tem um papel importante ao compartilhar as experiências que vivenciei sobre as narrativas. Defendo que o compartilhamento de experiências é essencial para nossa carreira como docentes, pois ao dividir nossas dificuldades e descrever como as superamos, podemos auxiliar colegas que estejam passando por situações semelhantes às que enfrentamos.

Além disso, este trabalho pode se tornar um documento relevante para a formação de professores. Por meio da leitura deste texto, o professor-pesquisador poderá encontrar elementos que contribuirão para sua formação e prática profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ANJOS, Cleriston Izidro dos; SANTOS, Solange Estanislau dos; SOUZA, Ellen de Lima; TAVARES, Maria Janailma Barbosa da Silva, orgs. **Infância(s) e Educação Infantil: pesquisa, docências e pedagogias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 435 p. Disponível em: <<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/infancias-e-educacao-infantil-pesquisas-docencias-e-pedagogias/>>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ARAÚJO, Luciana Aparecida de; CARDOSO, Patrick Pacheco Castilho. A pesquisa da e na prática pedagógica: o papel da criança no processo investigativo. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; SANTOS, Solange Estanislau dos; SOUZA, Ellen de Lima; TAVARES, Maria Janailma Barbosa da Silva, orgs. **Infância(s) e Educação Infantil: pesquisa, docências e pedagogias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 435 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 253 p. v. 1. Disponível em: <<https://psicanalisepolitica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: 34 Ltda, 2008. 176 p. ISBN 978-85-7326-234-6.

BERTASI, Andressa Thaís Favero; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. As crianças e seus desenhos narrativos na pré-escola: reflexões para pensar a docência. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; SANTOS, Solange Estanislau dos; SOUZA, Ellen de Lima; TAVARES, Maria Janailma Barbosa da Silva, orgs. **Infância(s) e Educação Infantil: pesquisa, docências e pedagogias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 435 p.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos CEDES, v. 19, n. 48, p. 69–88, ago. 1999.

BRACHT, Valter. **Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996. Disponível em: <<https://profefgpelf.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/08/conhecimento-e-especificidade-valter-bracht.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 5 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

CAMPOS, T.; FREITAS, Amanda Fonseca Soares. **Educação física nos primeiros anos escolares**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte-MG, v. 17, p. 12-19, 01 nov. 2011.

CIDADE NEGRA. **A estrada. Quanto mais curtido**. São Paulo: Sony Music, 1998. CD.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992. Disponível em: <https://15482288031615522964.googlegroups.com/attach/d561d895a837cd23/Coletivo_de_Autores_-_Metodologia_de_Ensino_da_Ed._Fisica.pdf?part=0.1&view=1&vt=ANaJVrE85dCyVopQaGRvmovmVV81uCmboXtv43iJa5SGHYVxTndS3IMWdW8ETbruktCHTNmbvQKdenE3QPBdpEo1Co8pL377BwH3WNhEGn9sXKHr_GJ8yw>. Acesso em: 4 out. 2024.

DESGAGNÉ, S. **O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), [S. l.], n. 30, p. 7-19, 2019. DOI: 10.26512/resafe.vi31.28262. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28262>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FREITAS, Amanda F. S. Corpo e conhecimento na Educação Infantil. In: ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo; SCHINEIDER, Omar (orgs.). **Educação Física para a educação infantil: conhecimento e especificidade**. São Cristóvão: Editora UFS, p. 143-176, 2008.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. Ciência e Educação, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, ago. 2005. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132005000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GOBBI, Marcia Aparecida. A pesquisa e o traço: o ato de desenhar e os desenhos como recursos metodológicos em pesquisas com e sobre crianças. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos; SANTOS, Solange Estanislau dos; SOUZA, Ellen de Lima; TAVARES, Maria Janailma Barbosa da Silva, orgs. **Infância(s) e Educação Infantil: pesquisa, docências e pedagogias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 435 p.

GOBBI, Marcia. **Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias**. Educar em Revista, n. 43, p. 135–147, jan. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/nqWcbv8qfG5pspSkPNZCF6s/>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II**. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GOUVÊA, M. C. S. **Infantia: entre a anterioridade e a alteridade**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 36, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11394>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

KRAMER, Sonia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23857>>. Acesso em: 22 out. 2025.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Pensadores & Educação, 19).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. **A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?format=pdf>>. Acesso em: 22 set. 2024.

OLIVEIRA, Bernardo Barros. **Experiência e narrativa: entre contar e ler**. Cadernos Benjaminianos, [S. l.], n. 7, p. 41-54, dez. 2013. ISSN 2179-8478. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/6043>>. Acesso em: 14 jan. 2025. DOI: <<http://dx.doi.org/10.17851/2179-8478.0.7.41-54>>.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. **Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores**. Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, dez. 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2024.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena. **Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação?**. Revista Teias, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 11, 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24216>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PROJETO DE ENSINO CENTRO PEDAGÓGICO - **Comissão Organizadora da Festa Junina 2024 “O CP brinca e dança os festejos juninos do Brasil”**. Centro Pedagógico, 2024.

SOARES, Amanda Fonseca. **Os projetos de ensino e a educação física na educação infantil**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 5, p. 15-38, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v5i0.44. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/44>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

STACCIOLI, Gianfranco. **As di-versões visíveis das imagens infantis**. Pro-Posições, v. 22, n. 2, p. 21-37, maio 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/8HgGm9Ryp3Bd4DmtrZJSyhg/>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Centro Pedagógico: Escola de Educação Básica e Profissional: projeto político pedagógico**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. 152 p.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola**. Cadernos CEDES, v. 19, n. 48, p. 30-51, ago. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/fKY7sN7KLp6p3dhdf8LSJXP/?lang=pt>>. Acesso em: 06 mar. 2024.